

## Relato de experiência e reflexão sobre a condução de uma atividade de composição musical com alunos de uma escola especializada em música

**Áudrea da Costa Martins**

IFRS – Instituto Federal do Rio Grande do Sul  
audreacm@gmail.com

**Resumo:** O presente relato trata de uma atividade de composição musical com editor de partituras MuseScore, desenvolvida nas aulas de Laboratório Musical do Projeto Prelúdio – IFRS, Campus Porto Alegre. O projeto foi realizado em quatro encontros com quatro turmas de 05 a 08 alunos e idades entre 09 e 14 anos. A reflexão se deu sobre a conduta da professora durante o processo de criação dos alunos, com relação à gerência das intervenções sobre maneiras de compor, em especial ao uso do motivo como elemento unificador da música. A análise da atividade sugere que a intervenção da professora pode ter sido estimulante no sentido de incentivar o prosseguimento da criação.

**Palavras-chave:** composição musical; ensino de música; atuação docente.

### Introdução

A composição tem integrado os espaços de educação musical e dado suporte a pesquisas que endossam sua importância para o ensino de música, através da apropriação e manipulação dos materiais sonoros (BURNARD, 2013; DELALANDE, 2017; BEINEKE, 2016; MAFIOLETTI, 2004).

Analisando algumas pesquisas da educação musical que abordam a composição em sala de aula, é possível perceber que as intervenções dos professores ocorrem em sua maioria no âmbito organizacional: na preparação do ambiente, gerência do relacionamento dos alunos com seus pares nos grupos de trabalho e realização de apresentações das composições. Mesmo havendo menção a momentos de análise musical dos produtos, são raras as vezes em que notamos alguma intervenção do professor sobre as questões musicais durante o processo criativo.

Como exemplo, cito a pesquisa realizada por Beineke (2016), sobre o *ensino musical criativo em atividades de composição na escola básica*, onde é possível perceber aspectos priorizados pela professora Madalena durante a atividade de composição:

Quando os alunos estavam compondo nos grupos, o papel de Madalena era mantê-los organizados, garantindo o foco na atividade e a relação de respeito deles entre si. Para tornar efetiva a colaboração no processo de composição, foi importante o seu conhecimento acerca dos alunos e da forma como eles se inter-relacionavam, considerando suas características individuais, relações de liderança e status na turma, com o fito de maximizar sua participação no trabalho. A maneira como a professora conduzia essas questões favorecia a construção de relações sociais positivas em aula (BEINEKE, 2016, p. 56).

Da mesma forma, quando desenvolvi minha pesquisa de mestrado - *linhas, vozes e tracks: a textura na composição musical de crianças* - com alunos da educação básica, busquei criar ambientes livres de intervenções da professora no processo de criação acústica e eletrônica dos alunos (MARTINS, 2012).

Segundo Craft *et al.* (2008), o equilíbrio entre estrutura e liberdade é um dilema constante na prática educativa, pois muita determinação pelo adulto restringe a autodeterminação das crianças, enquanto que muita liberdade pode ser confuso para elas (*apud* BEINEKE, 2008, p.25).

Considerando a dificuldade em equilibrar restrição e liberdade no ensino de composição, como professora de crianças, optei, em muitos momentos, por atividades com poucas orientações sobre os aspectos específicos da música, como forma, frases e motivos, observando atentamente como os alunos lidavam com esses aspectos e tiravam conclusões intuitivas. Apenas ao final das atividades, já na análise dos produtos, é que era comentada a presença de algum elemento de ordem estrutural.

No entanto, passei a questionar se no papel de professora de música eu poderia desenvolver a sensibilidade de orientar musicalmente o processo dos alunos sem limitar seu impulso criativo. Para Delalande (2017):

Na formação de educadores é preciso desenvolver a capacidade de observar o que as crianças fazem e de mostrar aprovação discretamente, e não dizer-lhes de maneira direta o que fazer. Dito isso, não sejamos extremistas. Podem existir situações nas quais (...) é útil intervir claramente dizendo: “Será que você não poderia também...”, aprovando o que foi feito e sugerindo maneiras de ir além, mas sem determinar o resultado, incitando a criança a fazer melhor (DELALANDE, 2017, p. 22).

A atividade que relatarei aqui trata de um projeto de composição musical, com duração de 4 encontros, realizado nas aulas de Laboratório Musical do Projeto Prelúdio – escola de extensão em música do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, campus Porto Alegre.

No decorrer das aulas, orientei os alunos com relação aos elementos de repetição, os quais visam dar unidade à composição. Esses elementos podem ser chamados de ‘conjuntivos’ (KOELLREUTTER, 1987). Para este relato optei pela nomenclatura ‘motivo’, por se tratar de um termo mais amplamente encontrado na literatura.

Para Schoenberg (1996), qualquer sucessão rítmica de notas, sem grande diversidade de elementos e intervalos consiste em um motivo.

Até mesmo a escrita de frases simples envolve a invenção e o uso de motivos, mesmo que, talvez, inconscientemente (...) Usado de maneira consciente, o motivo deve produzir unidade, afinidade, coerência, lógica, compreensibilidade e fluência do discurso. O motivo se vale da repetição, que pode ser literal, modificada ou desenvolvida (SCHOENBERG, 1992, p.36).

A abordagem do conceito e da utilização de motivos nesse projeto foi guiada pela percepção de que elementos motivicos com potencial de desenvolvimento emergiam intuitivamente na composição dos alunos, mas não eram aproveitados para variações ou simples repetições, com o intuito de dar continuidade e unidade à música.

Em momentos onde a criança explora materiais sonoros concretos há ocorrência de motivos produzidos ao acaso, que quando agradam, são repetidos e posteriormente desenvolvidos através de variações (DELALANDE, 2017). No entanto, percebi que, ao utilizarem o Musescore, com recurso gráfico e resposta sonora, aparentemente demonstravam entender a atividade de composição musical como um sucessivo acréscimo de novidades. Certamente, esta seria uma maneira viável de compor, mas nesse caso, percebi que os alunos nem sempre estavam satisfeitos com as partes de sua música e se mostravam desmotivados a dar continuidade, muitas vezes encerrando a peça precocemente.

## **A aula de laboratório musical**

A atividade desenvolveu-se em quatro turmas de Laboratório Musical, disciplina que integra o curso de instrumento musical do Projeto Prelúdio – curso de extensão em música do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, oferecido a crianças de 05 a 17 anos. As turmas são

formadas por 10 a 12 alunos, agrupados por idade. As turmas participantes do projeto de composição são compostas por alunos de 09 a 14 anos.

Nesta disciplina são desenvolvidas atividades de improvisação, prática de repertório em conjunto, experimentação musical com objetos sonoros diversos, composição musical eletrônica e acústica, por notação musical ou alternativa.

## **Desenvolvimento da atividade**

No primeiro semestre de 2018, quatro turmas de laboratório musical ministradas por mim realizaram ensaios e apresentação pública da peça *Badix*, uma composição minha para percussão (xilofones e tambores), dedicada aos alunos do Prelúdio. Nos encontros seguintes à apresentação percebi a curiosidade dos alunos com relação à criação e escrita musical. Assim, convidei as turmas para utilizarmos o laboratório de som e informática (AUDIOLAB) a fim ensinar como escrever partituras com o MuseScore, o aplicativo que havia utilizado para compor *Badix*.

O MuseScore é um editor de partituras para computador gratuito, com suporte para reprodução de partituras e importação/exportação de arquivos. Possui notação para percussão e tablatura para instrumentos de cordas são suportadas, assim como impressão direta. O programa tem uma interface de usuário amigável, com fácil inserção de notas, semelhante aos editores de partituras comerciais mais populares.

A atividade consistiu em utilizar o MuseScore como ferramenta para compor uma música para o próprio instrumento, adequando a dificuldade técnica para que cada aluno conseguisse executar sua composição ao final do projeto. Não determinei previamente o número de encontros que teríamos para a conclusão da composição, que ao todo demorou quatro semanas.

No primeiro encontro, após poucas instruções gerais sobre o MuseScore, como a escolha dos instrumentos e modo de inserção de notas, os alunos iniciaram a composição. Outras instruções sobre o uso do aplicativo foram sendo solicitadas individualmente durante a atividade. Não precisei orientar para que compusessem livremente, pois cada um rapidamente iniciou o acréscimo de notas ao seu modo. É preciso considerar que essa liberdade é limitada pelo próprio aplicativo, que restringe a criação a escolha de alturas definidas dentro do cromatismo temperado e com compasso determinado.

A escrita musical convencional produzida pelo MuseScore se aproxima ao modo habitual do fazer musical dos alunos nas aulas de instrumento e grupos musicais. A partitura faz parte do cotidiano desta escola de música e está presente nas suas “pastinhas” e estantes. Nesse contexto, escrever a própria música em uma partitura tem um sentido que se justifica e vai além da aula de laboratório musical propriamente dita.

No decorrer da atividade, conforme os alunos avançavam na criação das melodias, com quatro ou cinco compassos, me chamavam para mostrar a produção. Diante do material apresentado, percebi que, em geral, havia pouco aproveitamento de motivos musicais. A escrita da partitura deixava claro o pouco uso de elementos de repetição, não possibilitando, assim, a ocorrência variações do material temático, dando pouca unidade à composição realizada até então (SCHOEMBERG, 1992).

Considerando esses aspectos, questionei sobre quais trechos da melodia composta até então os alunos consideravam mais ou menos interessantes, tentando não dar juízo de valor às partes da sua música. Minha ideia era que elencassem motivos que considerassem satisfatórios para que eu pudesse sugerir algum tipo de variação sobre esse material.

Após a triagem dos materiais, convidei uma aluna para que expusesse sua peça em construção no telão, mostrando para a turma qual parte de seu projeto achava mais interessante. Propus abrir um novo arquivo e, através da função copiar e colar, inseri seu motivo preferido em várias partes da pauta, fazendo algumas alterações no parâmetro altura e mantendo o padrão rítmico. Os alunos se interessaram pelo resultado. Então, conversei sobre outras músicas que gostávamos e que também eram compostas dessa maneira, com aproveitamento e variação de motivos, abrindo mão de gerar uma nova ideia a cada compasso. Através do site [musescore.org](http://musescore.org), o qual oferece um banco de partituras de composições e arranjos, pudemos visualizar e ouvir outras músicas, analisando a presença de motivos e variações.

As variações realizadas no parâmetro ‘altura’ são facilmente observadas pelo desenho da partitura e pela percepção auditiva. Assim, optei por introduzir o conceito de variações por esse parâmetro, conservando a relação rítmica entre as notas musicais.

De volta aos computadores, sugeri que experimentassem selecionar seus trechos preferidos para experimentarem variações e repetições como recurso de criação. Cabe salientar que alguns alunos optaram por manter a peça como estava, justificando a

necessidade de cada trecho ali contido. Como a ideia não era ter controle sobre o produto musical dos alunos, esclareci que utilizar variações ou repetições é apenas uma sugestão de estrutura musical, dentre muitos outros modelos que existem ou ainda podem ser inventados para compor.

No segundo encontro sugeri que trouxessem o instrumento musical para o qual estavam compondo e que experimentassem tocar a composição durante o processo. Percebi que a dificuldade técnica e a sonoridade do instrumento acústico fomentaram modificações na escrita e nortearam algumas escolhas nas composições.

Ao longo dos encontros, conforme iam terminando as composições, surgia um movimento espontâneo de deslocamento até o lugar dos colegas para ouvir e comentar sobre suas músicas, sempre com palavras de incentivo.

O último encontro destinou-se à apresentação de cada composição para a turma, com o Musecore ligado ao telão, bem como a impressão das peças para que levassem para o professor de instrumento, como sugestão de integrar sua música ao repertório desta aula.

## **Análise**

Apesar da associação de senso comum que fazemos entre crianças e tecnologias, percebi que muitos alunos não têm conhecimento de ferramentas básicas da computação, como por exemplo a função dos cliques do mouse - arrastar e selecionar. Para a maioria do público envolvido nesta atividade o contato com tecnologia se dá majoritariamente via aplicativos de celular. Em um outro momento seria interessante analisar o impacto do aplicativo Musecore como ferramenta de composição nesse contexto.

As peças finalizadas mostraram que grande parte dos alunos passou a utilizar recursos de variação e repetição em alguma parte de sua composição. A satisfação com a autoria pode ser percebida na dedicação à experimentação de leitura da peça com o instrumento, na troca de experiências com os colegas e nos comentários positivos ao verem sua composição impressa.

Utilizarei como ilustração para análise da atividade o processo de composição do aluno Éden (12 anos), para dois xilofones.

Apesar de saber tocar outros instrumentos, como flauta doce e violão, Éden optou por compor para dois xilofones. Justificou a escolha relatando estar sob influência da minha composição (Badix) e que desejava compor para percussão. Ao finalizar a música, Éden

nomeia-a Xidab, que seria Badix na forma retrógrada, aplicando o conhecimento de variação também ao nome da música. Essa influência, relatada por Éden, pode ser percebida apenas na instrumentação e caráter da música, não ocorrendo referências mais diretas e nem cópia de material de nenhuma forma.

O primeiro esboço apresentado por Éden trazia o motivo do compasso 1 (FIGURA 1) como sendo uma parte que ele considerava interessante e que gostaria de explorar. Esse motivo já apresentava uma repetição com acréscimo de nota no segundo compasso. O quarto e o quinto compassos foram indicados por Éden como a parte que menos gostava. Ele também não se mostrava seguro quanto à conexão desses com os compassos restantes do trecho.

FIGURA 1 – Primeiro esboço de Éden



Fonte: recorte do Musescore

A Figura 2 mostra a partitura final de Éden, após a conversa sobre o conceito de motivos, relatada anteriormente. Éden resolveu repetir o motivo do primeiro compasso, o qual havia elencado como material interessante, no segundo, variando as alturas e conservando as mesmas relações intervalares. No sexto compasso apresenta uma expansão com inversão na direção dos intervalos e uma diminuição nas suas relações. Nos compassos sete e nove Éden acrescenta mais uma nota ao motivo que já aparece expandido do terceiro compasso e varia novamente as alturas.

A atividade não orientava quanto ao número de compassos para a composição. Éden finalizou sua música com vinte compassos, dividindo-a simetricamente em duas partes. A parte B foi construída a partir de parte do material que considerava menos interessante, oito semínimas que aparecem no sexto e sétimo compassos da Figura 1. A repetição alternada desses motivos gerou tensão e interesse no trecho musical, tornando a composição mais satisfatória para o aluno.

FIGURA 2 – Composição concluída de Éden

The image shows a musical score for a piece titled "xidab" by Éden. The score is written for two Xilofone (Xil.) parts. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 4/4. The score is divided into three systems. The first system shows the initial melody and accompaniment. The second system, starting at measure 8, is labeled "Parte B" and features a new melody. The third system, starting at measure 16, shows the final part of the piece. Several motifs are circled in red and green, indicating their reuse throughout the composition. The score is presented as a screenshot from the Musescore software.

Fonte: recorte do Musescore

Para finalizar a peça, Éden escolhe o motivo inicial com acréscimo, copiando o terceiro compasso da música.

Ao final da atividade, pude observar o orgulho e a satisfação de Éden por ter concluído sua música, quando quis mostrar para a turma mais de uma vez: “toca de novo, sora”.

## Conclusão

Relatei aqui uma atividade de composição musical com crianças onde minha intervenção sobre o processo composicional dos alunos abrangeu aspectos musicais, em especial a identificação e o uso do motivos como elemento composicional. A abordagem se deu em forma de sugestão, sem preocupações com o resultado e sem cobrar ocorrências no produto musical. Alunos que optaram por não modificar sua maneira de organizar o andamento da composição foram respeitados na sua escolha e sequer foram advertidos quanto à presença do conteúdo ensinado em sua música.

O exemplo exposto nesse relato nos mostra que a intervenção, realizada em um projeto composicional em desenvolvimento, pode ter sido estimulante no sentido de incentivar o prosseguimento da criação.

Houveram muitos avanços na composição de Édén, relacionados ao foco da intervenção realizada durante o processo: trabalhar a unidade da música através de repetições e variações sobre motivos escolhidos na própria produção. Progressos também puderam ser percebidos na criatividade, autonomia e satisfação com o produto sonoro.

Encontrar um caminho criativo que fazia sentido no cotidiano musical dos alunos tornou a atividade prazerosa e significativa. A possibilidade de futuramente tocarmos as peças compostas em uma audição especial gerou alegria na turma. Os comentários giraram em torno de quem tocaria qual peça, concluindo que os professores do Prelúdio deveriam tocar, garantindo assim que seriam “bem tocadas”.

A situação de ensino exposta neste relato não poderia ser prevista antes do princípio do trabalho dos alunos. A atenção sobre a composição em andamento tornou possível a percepção da professora sobre o que poderia ser ensinado no momento em que surgiu a necessidade.

Como, quando e por que intervir no processo composicional são questões delicadas, se considerarmos um ambiente de educação musical. Delalande (2017) comenta sobre encontrar maneiras de promover a evolução das explorações espontâneas, o que nos levaria ao “domínio da didática” (p.20). É possível perceber que o conhecimento dos alunos de música se desenvolve de maneira análoga, com explorações espontâneas que geram novidades ao acaso e que podem ser conduzidas pelo professor para que alcancem níveis mais profundos de entendimento sobre a própria criação.

## Referências

BEINEKE, Viviane. A composição no ensino de música: perspectivas de pesquisa e tendências atuais. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 20, 19-32, set. 2008.

BEINEKE, Viviane. *Ensino musical criativo em atividades de composição na escola básica*. Revista da ABEM. v.23. n.34. jan.jun 2016. p. 42-57

BURNARD, Pamela. *Teaching music creatively*. In: BURNARD, Pamela; MURPHY, Regina. *Teaching Music Creatively*. London: Routledge, 2013. p. 1-11

DELALANDE, François. *Pedagogia da criação musical hoje: partir da infância, passar pela adolescência e ir além*. ORFEU, v.2, n.2, dez. de 2017 P. 13 de 30.

KOELLREUTTER, Hans-Joachim. *Introdução à estética e à composição musical contemporânea*. 2. Ed. Porto Alegre: Editora Movimento, 1987.

MAFFIOLETTI, Leda de A. *Diferenciações e integrações: o conhecimento novo na composição musical infantil*. Tese de Doutorado em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MARTINS, Áudrea. *Linhas, vozes e tracks: a textura na composição musical de crianças*. Dissertação de mestrado em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SCHOENBERG, Arnold. *Fundamentos da Composição Musical*. Tradução: Eduardo Seincman. 3.Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.